

ARIANO SUASSUNA: O HERMENEUTA DA TRADIÇÃO SERTANEJA

ARIANO SUASSUNA: THE HERMENEUTIST OF SERTANEJO'S TRADITION

Juliana Rodrigues Moraes

Cite este artigo: MORAIS, Juliana Rodrigues. Ariano Suassuna: o hermenauta da tradição sertaneja. *Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 70-78, 10 de nov. 2016. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 10 de nov. 2016.

Resumo: O artigo propõe-se analisar o retrato multifacetado do sertanejo presente na obra *Pedra do Reino* de Ariano Suassuna. Como instrumento metodológico, optamos pela hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur por nos permitir a compreensão do sertanejo a partir de sua própria experiência no mundo. Ao lado disso, refletiremos sobre os discursos que fundamentam a concepção de sertanejo nas ciências sociais, tendo como suporte teórico as obras *Um Sertão Chamado Brasil* de Nísia Trindade e *A Invenção do Nordeste* de Durval de Albuquerque. Pretendemos com isso, suscitar um debate acerca dos diferentes olhares sobre o sertanejo no campo social brasileiro.

Palavras-chave: Sertanejo; Pedra do Reino; Hermenêutica Fenomenológica; Pensamento Social Brasileiro.

Abstract: The article aims to analyse the multifaceted portrait of the *sertanejo* in Ariano Suassuna's novel *Pedra do Reino*. We chose Paul Ricoeur's phenomenological hermeneutics as a major methodological tool in order to understand the *sertanejo*'s own way of experiencing the world. Besides, we will reflect upon the discourses that lend foundation to the concept of *sertanejo* in social sciences taking as theoretical support Nísia Trindade's *Um Sertão Chamado Brasil* and Durval Muniz de Albuquerque's *A Invenção do Nordeste*. We wish, by that, to bring about a debate on the different perspectives about the 'sertanejo' prevalent in Brazilian social spheres.

Key Words: *Sertanejo*; *Pedra do Reino*; Phenomenological Hermeneutics; Brazilian Social Thought.

-Olhe,Quaderna, o “penetral” é de lascar! Ou você tem “a intuição do penetral” ou não tem intuição de nada!Basta que eu lhe diga que “o penetral” é “a união do faraute com o insólito regalo” [...].

- Você sabe como é que [...] os homens, [saem] da “desconhecença” para a “sabença”?

-Sei não, Clemente! – confessei, envergonhado.

- Bem, então, para ir conhecendo logo o processo [...] feche os olhos! [...]

-Agora, pense no mundo, no mundo que nos cerca! [...]

- Em que é que você está pensando?

- Estou pensando numa estrada, numas pedras, num bode, num pé de catingueira, numa Onça, numa mulher nua [...].

-Basta, pode abrir os olhos! Agora me diga uma coisa: o que é isto que você pensou?

-É o mundo!

- É não, é somente uma parte dele! É “a quadra do deferido”, aquilo que foi deferido a você, como “íncola”! [...]

-Tudo pertence ao penetral! (...) Entretanto, para completar o “túdico” você, na sua enumeração do mundo, deixou de se referir a um elemento fundamental, (...) que estava presente e que você omitiu! Que elemento foi esse, Quaderna?

-Sei não, Clemente!

- Foi você mesmo, “o faraute [1]”! [...] [2]

A epígrafe apresentada nesta introdução é o ponto de partida para a reflexão deste artigo por apresentar o modo como pretendemos analisar o nosso objeto: mediante a experiência de mundo do sertanejo. Partimos do princípio de que esse mundo se apresenta no imaginário social brasileiro de forma naturalizada, – ao longo de um período que vai desde a fase colonial até o presente, ainda que com diferentes matizes de sentido. Mediante

essa observância, buscaremos analisar os discursos que norteiam o sertanejo e de que forma esses discursos dialogam com o sertanejo presente na obra *O Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* [3] de Ariano Suassuna. Para efeito de análise, nosso recorte se dará nas interpretações acerca desse sujeito presentes no campo das ciências sociais.

A escolha metodológica e conceitual proposta se fundamentam numa compreensão hermenêutico-fenomenológica, segundo a qual (RICOEUR, 1990:34) “[...] o sujeito se dá a si mesmo no conhecimento do objeto [...]”, numa implicação mútua. Contrariando então, (RICOEUR, 1990:103) “[...] a pressuposição ontológica que sustenta a conduta objetiva das ciências humanas [...]”, a saber, a ideia de distanciamento entre sujeito-objeto, a proposta dessa apresentação é possibilitar compreendermos os elementos estruturantes da experiência desse ser-sertanejo, dotado de múltiplos sentidos que se integram organicamente. Assim, as pressuposições e valores ideológicos se tornaram alicerces fundamentais para a formulação das inquirições que norteiam a discussão. Nestes termos, Paul RICOEUR (1990:89) indaga:

[...] de que lugar fala o pesquisador numa teoria da ideologia generalizada? É preciso que confessemos: este lugar não existe. E existe ainda menos que numa ideologia restrita, onde só o outro está na ideologia. Desta feita, porém, o cientista sabe que também está preso à ideologia. [...] a pretensão weberiana de se chegar a uma sociologia *werfrei*, axiologicamente neutra, é um engodo [...].

Nessa perspectiva, a maneira pela qual o objeto desse estudo é apreendido está, de certa forma, intrinsecamente associada ao lugar social do qual – perdoe-me o uso da narrativa em primeira pessoa – compartilho: o sertão nordestino. Ao me deparar com a posição que o sertanejo ocupa nos discursos do campo das ciências sociais, tive um estranhamento que me permitiu sublimar um olhar não só particular, mas, sobretudo intuitivo. Esse olhar busca e reivindica a possibilidade de uma outra leitura desse sujeito.

1. Uma breve apresentação acerca dos discursos sobre o sertanejo no campo das ciências sociais

Tomaremos nessa parte, enquanto suporte epistemológico, duas obras fundamentais que acreditamos sintetizar a formação dos discursos que norteiam o sertanejo e seu espaço de ocupação, a saber: *Um Sertão Chamado Brasil* (1999), da socióloga Nísia Trindade Lima e *A Invenção do Nordeste e Outras Artes* (2011), do historiador Durval Muniz de Albuquerque. Ambas as obras fazem um inventário dos discursos que colaboraram para a cristalização, no imaginário social, do sertanejo e consideram ser o advento da modernidade a peça chave para a ascensão desses discursos. Tais discursos tentam enquadrar o sertanejo no contexto moderno

[4], ignora-se o sentido existencial desse sujeito que vai muito além do conceito homogeneizante de um ente socioeconômico. A problemática da identidade nacional [5] se apresenta nessa conjuntura buscando estabelecer uma ideia de unidade já que, como sublinha ALBUQUERQUE (2011:62), “para a visão moderna, a identidade é uma essência que se opõe à diferença, vista como superficial, ela é um ‘ser’, uma visão invisível e central”.

LIMA (1999) considera que os discursos no campo das ciências sociais encontram-se vinculados a desdobramentos interpretativos, direta ou indiretamente, fundamentados na visão de Euclides da Cunha, de uma nação Brasil cindida entre dois espaços físicos e existenciais: o Brasil do sertão e o Brasil do litoral. Essa percepção pode ser enquadrada em duas dimensões fundamentais, aparentemente contraditórias, e que pretensamente esgotam o ser sertanejo: (i) de um lado, o sertanejo enquanto um ser de ausências, (ii) e de outro, o sertanejo enquanto uma projeção utópica da brasilidade autêntica. Essas duas dimensões discursivas, cuja fidelidade à intencionalidade originária de Euclides da Cunha é questionável, ora idealizam o espaço do sertão como expressão da autêntica nacionalidade brasileira, ora o associam ao atraso cultural, à barbárie.

Traçando um paralelo dessa abordagem com a percepção do historiador ALBUQUERQUE (2011:67), este afirma que a dimensão da brasilidade autêntica “serve para os intelectuais nacionalistas lançarem uma crítica a toda cultura de importação, à subserviência litorânea, aos padrões culturais externos.” No que se refere aos discursos de ausências, estes servem para denunciar uma sociedade cujas especificidades culturais não condizem com os avanços pretendidos do Estado nacional: em se adequar ao projeto civilizatório da modernidade. Por fim, Durval (ALBUQUERQUE, 2010: 352) indaga:

Por que perpetuarmos este Nordeste [6] que significa seca, miséria, injustiça social, violência, fanatismo, folclore, atraso cultural e social? É preciso fugir do discurso da súplica ou da denúncia da miséria; é preciso novas vozes e novos olhares que compliquem esta região, que mostrem suas segmentações, as cumplicidades sociais dos vencedores com a situação presente deste espaço. Se o Nordeste foi inventado para ser este espaço de barragem da mudança, da modernidade, é preciso destruí-lo para poder dar lugar a novas espacialidades de poder e saber.

Acreditamos que essas “novas vozes e novos olhares que compliquem esta região”, podem libertar as narrativas sociológicas sobre o sertanejo das determinações nacionais e seu principal subproduto, a saber, o regionalismo enquanto espaço marcado pela “doença do atraso”. Sustentamos a possibilidade de que, na perspectiva sociológica, os espaços da literatura ficcional e, em especial, as obras de escritores como João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Ariano Suassuna se constituem enquanto porta-vozes locais, que possibilitam uma abertura

para esses “novos olhares”. Albuquerque, embora reconheça nesses autores lampejos dessas “novas vozes”, tende a enxergar, em suas obras como um todo, a reiteração de uma perspectiva oligárquica (ALBUQUERQUE, 2010:293) “[que] termina por ser mais uma voz, mais um fio de água a engrossar o caudal dos discursos sobre o Nordeste e sobre a seca [...]”

No que tange, mais especificamente, à obra de Suassuna, ALBUQUERQUE (2010: 188) infere que ela “[...] reforçará toda uma visibilidade do Nordeste, que o toma como uma região feudal, medievalizada, contraposta ao Sul, a região capitalista do país”. Durval também argumenta que “Ariano quer, em sua obra, representar o belo do sertão que havia sido negligenciado pela produção sociológica e literária anterior [...]” Permitimo-nos, neste particular, como o próprio artigo busca argumentar, discordar da primeira inferência e concordar, parcialmente, com a segunda. Com relação ao primeiro argumento, o “espaço medieval” de Suassuna nada mais é do que uma percepção que a modernidade tende a impor aos espaços que não se enquadram nos seus padrões normativos. O segundo argumento elucida o primeiro, já que Suassuna criticava o modo como o sertão nordestino era apreendido pela produção sociológica e por certos discursos regionalistas presentes, inclusive, na produção literária [7]. Imune ao paradigma normativo da nação [8] e aos regionalismos do sertanejo oprimido, o escritor logra resgatar, em suas obras, um sentido de pluralidade local para o sertanejo de Euclides da Cunha.

Dentre as possibilidades de perceber essa pluralidade local, a literatura ficcional, à luz da tradição hermenêutica fenomenológica, poderá nos mostrar um retrato multifacetado do sertanejo, ao se apresentar como caminho privilegiado para a desconstrução do paradigma da ‘nação’/‘região’, tornando-se um campo fértil para pensar o seu mundo vivido.

2. Suassuna, o hermeneuta da tradição sertaneja

Elegemos, para efeito desse estudo, a obra a *Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, por adentrar no mundo sertanejo do autor, apresentando-nos, como sublinha João Cabral de Melo Neto (1994), um deserto que “não só fala a língua do não” e que “funda mundos”. Desse modo, a partir da análise da obra de Suassuna, buscaremos compreender os meandros complexos que permeiam o sentido desse ser plural que se apresenta como sertanejo, dando-lhe voz própria, i.e., adentrando criticamente aos elementos existenciais que o constituem de fato, muito além dos elementos extrínsecos da categorização redutora de um ser marcado pela seca.

Publicada em 1971, a obra *Pedra do Reino* narra, em primeira pessoa, a saga de *Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna*. *Quaderna* recria uma genealogia de um reino sertanejo,

afirmando as potencialidades de uma comunidade oficialmente tida por tradicional e representante das debilidades de um Brasil que supostamente resiste à modernidade e ao progresso. A narrativa inicia-se com o protagonista preso na cadeia da “Vila de Taperoá”, no “sertão dos Cariris”. Ele é alvo de um processo na justiça no qual é acusado de ter participado de agitações políticas de orientação “comunista” que teriam sido responsáveis pelo incêndio que assolou o vilarejo, e pelo assassinato de seu tio e padrinho *Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto*. Premido pelas condições prisionais, ele faz uma retrospectiva de sua vida e dos principais eventos da história de sua família/comunidade sertaneja, explicando ao leitor, as razões que o levaram injustamente à prisão. Fica claro, ao longo da narrativa, que Suassuna vincula intimamente a condição prisional de *Quaderna* à condição das comunidades sertanejas percebidas pelo “Brasil oficial” [9] como comunidades “subversivas”, “irracionais”, “incivis”, movidas pelo “fanatismo” e pela “barbárie”. Em outras palavras, a prisão de *Quaderna* constitui uma alegoria das comunidades sertanejas marginalizadas e condenadas por uma condição socioeconômica e cultural distinta do “modelo civilizatório ocidental”. Essa condição prisional que permeia a totalidade da narrativa e da saga da comunidade sertaneja é descrita por *Quaderna (Pedra do Reino, 2012: 31)* com as seguintes palavras: “[uma] Cadeia enorme, cercada de pedras e sombras, de lajedos fantásticos e solitários” de onde se vê “a tripla face, de Paraíso, Purgatório e Inferno, do Sertão”. Ao empreender a narrativa genealógica, das diferentes fases de surgimento, declínio e restauração da comunidade dos “sertões dos Cariris”, a obra *Pedra do Reino* constitui plataforma privilegiada para uma apresentação das evidências que visam “absolver” essa comunidade das condenações acima elencadas. Essas evidências se expressam na afirmação de uma positividade existencial comunitária que é descrita, de forma hiperbólica, por *Quaderna* como uma combinação peculiar de matrizes “católica”, “judaica”, “moura”, “berbere”, “fenícia”, “sueva”, “malgaxe”, “negra”, “latina”, “ibérica”, “cartaginês”, “troiana”, “cario”, “tapuia”, “cigana”, “árabe”, “godo” e “flamenga”.

A narrativa se estrutura, portanto, num contexto mítico-histórico de constituição do reinado da família do *Quaderna* e está ligada a dois movimentos sociais ocorridos no sertão brasileiro, a saber, o Movimento da Pedra do Reino (1836 e 1838), cujo líder, João Antônio dos Santos, ergueu um reino messiânico de fundo sebastianista na região de Pernambuco (ARARIPE, 1878); e a Revolta de Princesa que objetivava a criação de um território independente na região da Paraíba em 1930.

A interpretação de Suassuna do significado profundo desses movimentos enquanto reivindicação localista, i.e., não-nacionalista e não-regionalista aparecem, na obra, de forma mais lúcida no capítulo *A Filosofia do Penetral*, já apresentado de forma breve na epígrafe do começo desse artigo. Analisando este capítulo à luz da tradição fenomenológica, o Penetral é

entendido como sendo o mundo com abertura de sentido, que engloba o próprio ser – que pode tanto se referir ao personagem *Quaderna*, como pode se referir ao (à) leitor(a) da obra –, o faraute, que é, como afirma *Clemente*, o intérprete, o medianeiro, ou, em outros termos, o hermeneuta.

Para Paul RICOEUR (1990:17) “hermenêutica é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a compreensão dos textos”, - entendendo que a noção de texto para Ricoeur é estendida para todas as objetificações da existência humana. A existência humana, então, é explicitada por meio da interpretação, que se dá não no modo de interpretar ou conhecer o outro, e sim, da maneira de ser e de relacionar-se com os outros seres, i.e, de sua forma de ser no mundo. Segundo Joelson TAVARES (2006:56),

Habitualmente, temos a ideia de mundo como a totalidade de tudo o que há, ou seja, a cadeira está na sala, a sala em um prédio, o prédio em um bairro, o bairro em uma cidade e assim até chegarmos a uma extensão máxima que chamaremos de mundo. Temos aí uma relação de elementos continentes, a partir da qual chegaremos à conclusão de que a cadeira está no mundo [...]. Outro, no entanto, ser o entendimento de Heidegger. A compreensão [...] é o que permitirá que o mundo se dê – não é algo que ocorre entre entes cujo modo de ser é simplesmente dado. Não há um ‘ente’ que compreende e um ‘mundo’ a ser compreendido [...].

Assim, quando *Quaderna* se exclui do mundo, ele está pensando nas coisas como existentes em si mesmas, ou seja, independente de sua consciência, é o que na fenomenologia entende-se por “atitude natural”. *Clemente*, no entanto, o adverte, argumentando que isso é apenas uma parte do mundo, faltando o faraute que é o próprio *Quaderna* propondo, então, uma “atitude fenomenológica” na qual é considerado aquilo que se dá a partir da experiência, ou seja, aquilo que produz uma relação de sentido, o que se costuma chamar de fenômeno. Logo, a consciência e o fenômeno surgem juntos. Nesse sentido, ser no mundo implica sempre uma compreensão, tanto de si mesmo, quanto do mundo constituído de experiências, uma vez que o mundo é tudo o que as pessoas apreendem enquanto farauces.

Esse quadro de contextualização da tradição fenomenológica nos permite compreender a forma como o escritor Suassuna apreende o sentido do mundo sertanejo: uma comunidade local, projetada a partir de sua experiência no sertão dos Cariris. Em outros termos, não poderá haver o mundo do sertanejo, mas sim, possibilidades de sentido dos seres com o mundo. Dessa forma, é preciso um olhar arguto para compreender as singularidades de certos termos tomados pelo escritor, principalmente no que se refere à afirmação de uma identidade sertaneja que pode acarretar numa interpretação acerca do pensamento do autor vinculada aos discursos modernos sobre termos como nacionalismo e regionalismo. A respeito do último termo, SUASSUNA

(2008: 46) argumenta: “parece que o regionalismo é uma posição inicial: a daquele que quer criar a partir da realidade que o cerca [...]”.

Conclusão

A proposta desse artigo não foi esgotar a reflexão acerca dos discursos presentes no campo das ciências sociais, tampouco limitar à obra *Pedra do Reino*, que ainda merece um estudo mais detalhado e exaustivo acerca dos elementos que constituem as especificidades locais da comunidade sertaneja ali apresentada. Num outro momento, pretendemos discutir com mais rigor, as contribuições sociológicas da obra, refletindo, por exemplo, sobre os movimentos messiânicos presentes no decorrer do texto e o uso da literatura de cordel, fonte importante para pensarmos na história oral.

Coube aqui uma explanação sucinta acerca dos discursos que envolvem o sertanejo concomitantemente às percepções de Ariano Suassuna presentes na obra *Pedra do Reino*. Percebemos um olhar diferenciado acerca do sertanejo admitido pelo autor, ao partir do mundo que o cerca, e não de uma observação externa, objetivada. Podemos considerar, nesse sentido, que Suassuna se torna o hermenêuta de sua tradição, ao introduzir de maneira orgânica, os aspectos culturais/locais inerentes a ele. Acreditamos que essa análise sociológica acerca desse novo olhar sobre o sertanejo possa ampliar os debates no pensamento social brasileiro. 🌐

NOTAS

* A autora no momento do lançamento da edição cursava o mestrado em Sociologia na Universidade Federal Fluminense.

[1] Nessa passagem Clemente explica que o faraute é o “interprete, língua, medianeiro”! Omitimos essa passagem, pois o personagem adentra no campo da filosofia fenomenológica que será explicada posteriormente.

[2] SUASSUNA, Ariano. A Filosofia do Penetral. In.: O Romance d’a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta.(2010).

[3] Doravante *Pedra do Reino*.

[4] As palavras “moderno” e “modernidade” referem-se neste texto, genericamente, ao projeto ocidental de constituição de uma história universal de caráter racional e homogêneo.

[5] Sobre a “questão da identidade” nas discussões contemporâneas da teoria social ver a obra “A identidade cultural da pós-modernidade”, de Stuart Hall (2005:07) no qual o autor argumenta que “as velhas identidades [...] estão em declínio [...]”.

[6] Note-se que a palavra ‘Nordeste’ está aqui investida de um sentido equivalente à ideia de ‘sertão’.

[7] Cf. SUASSUNA, Ariano. “Sociologia e Filosofia da Cultura – Gilberto Freyre e a arte”.

[8] A ideia de “paradigma normativo da nação” refere-se ao conceito determinante do “Estado Nação” que condiciona, de maneira impositiva, as formações pós-coloniais no mundo moderno. O caráter impositivo de sua implementação envolve situações persistentes de conflito e tensão com a diversidade de culturas que a constituem em suas origens pré-coloniais.

[9] Aqui, referimo-nos à famosa frase de Machado de Assis em que ele afirma: “O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial é caricato e burlesco” (cit.in. BOSI, 1994:176.). Suassuna lograva transitar entre os espaços do “país real” – representado pelo povo – e do “país oficial” – representado pela elite e pelo Estado.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. (5^a ed.) São Paulo: Cortez, 2011.
- ARARIPE Jr., Tristão de Alencar. **O Reino Encantado – crônica sebastianista**. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 1878.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. (32^a ed.) São Paulo: Cultrix, 1994.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. (10^a ed.) Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão Chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- MELO NETO, João Cabral. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. (4^a ed.) organização, tradução e apresentação de Milton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- RODRIGUES, Joelson Tavares. **Terror, Medo, Pânico: manifestações da angústia no contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- SUASSUNA, Ariano. **Almanaque Armorial**; seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. (2^a ed.) Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____ **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta.** (13^a ed.) Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

_____ “Sociologia e Filosofia da Cultura – Gilberto Freyre e a arte” Folha de São Paulo, Ilustrada, 11 set 2000. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1109200016.htm> Acesso em 20 jul. 2016.

Recebido em 30/04/2015

Aprovado em 09/07/2016